

# A ESTRADA DA VIDA: A LEITURA E A BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO

**Fernando de Mendonça**

**Resumo:** Analisa a importância da leitura para o ser humano como prática social, indagando conceitos que definam a mesma e apontando a situação da leitura e da escrita no Brasil. Compreende a organização de uma biblioteca escolar como um meio de disseminação da leitura entre os estudantes. Destaca a importância de todos os envolvidos com a instituição escolar para o bom funcionamento de sua biblioteca. O bibliotecário, a direção da escola, os professores e os próprios alunos são agentes que devem trabalhar em conjunto, pois só assim uma consciência cidadã será formada na vida desses alunos.

**Palavras-chave:** Leitura. Biblioteca Escolar. Educação. Ensino - Aprendizagem.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é um processo inerente ao dia-a-dia de todo ser humano. A espontaneidade que ultrapassa a decodificação de símbolos e encontra-se presente na grandeza da vida é a faceta da leitura que temos em mente aqui. Falar sobre a importância da leitura (incluindo as necessidades da alfabetização) e sobre a biblioteca escolar como agenciadora da mesma não é tarefa fácil, nem sequer habitual entre os teóricos da ciência da informação. Pretendemos então, iluminar um aspecto aparentemente evidente que parece ter sido um pouco subestimado, apesar de merecer maior incentivo para reflexão. Nosso objetivo é mostrar que o esforço deve ser conjunto entre os dirigentes e autoridades responsáveis pela instituição educacional e os bibliotecários presentes para dinamizar e disseminar a leitura como prática social, pois só assim podem-se superar os preconceitos já cristalizados no que confere à imagem negativa da biblioteca escolar.

## 1.1 Sobre a leitura

Começemos por investigar três perguntas básicas sobre a existência da prática da leitura, a partir de alguns teóricos:

O que é ler?

“Compreender expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.” (MARTINS, 1988, p.21)

Como ler?

Encontrando a significância das coisas, sendo essa significância “o sentido na medida em que é produzido sensualmente.” (BARTHES, 1973, p.37)

Por que ler?

Para definir uma identidade, para “sondar a si mesmo e o outro, numa tentativa de elucidação do mundo.” (HATOUM, 2005, p.26)

Muito bem. Serão essas respostas suficientes? Evidente que não. Mas ao menos nos servirão como ponto de partida para nossa reflexão.

Desde já, somos obrigados a retornar para 'o que é realmente ler?' Já está claro que o motivo ultrapassa o signo lingüístico passando a residir em tudo aquilo passível de produzir uma linguagem concreta, ou seja, tudo o que existe, que é sensorialmente captado. Ler é praticamente uma experiência estética e percebemos isso cada vez que Martins (1988, p.17) nos ensina a ler um vaso ou um cinzeiro, ou mesmo Freire (1988, p.29) a ler uma casa, um canto de pássaro ou um assobio do vento. Ora, se a experiência estética ocorre pelo estranhamento diante de algo, ela se configura facilmente como a leitura anteriormente exemplificada. Também não podemos desvencilhar, graças a essa comparação, a leitura de uma postura artística daquele que lê.

O significado da leitura que buscamos, por ora, está distante do grau de alfabetização que uma pessoa possui. Essa leitura de ordem técnica está aquém do poder da leitura. Ler é ir além. É muito, mas também é simplesmente enxergar. Ver algo em sua essência. É normal alguém olhar determinada coisa, mas não enxergá-la realmente. É desse 'enxergar' que falamos. Enxergar um objeto, uma pessoa, uma realidade social; quando fazemos isso estamos

assumindo nossa postura de indivíduo social, de cidadão, e aqui já entramos na resposta daquela terceira pergunta norteadora 'por que ler?', ou melhor, nunca nos afastamos dela e de nenhuma outra, pois todas interagem entre si. O teórico da recepção Iser (1979, p.114) lembra a esse respeito: “Como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Esta influência recíproca é descrita como interação.”

A leitura adquire tal importância para o homem frente ao mundo que não é exagero afirmar que sem ela o homem não vive. Pelo menos não com intensidade. É ela quem permite ao homem tornar-se um ser político, religioso, social, intelectual, humano, assim como “é ela quem permite ao leitor a liberdade de imaginar situações, traçar relações, preencher lacunas e desvelar sentidos ocultos, podendo enfim, mediar, compreender, interpretar” (HATOUM, 2005, p.27). Ela sempre faz o leitor executar uma busca em sua vida, em seu conhecimento, para ser compreendida de fato.

Há pouco, vimos que o sensorialmente captado é o que pode ser lido. Mas vamos adiante. “Escrever é muitas vezes lembrar-se do que nunca existiu” dizia Clarice em algum de seus fragmentos, então ler também pode se referir àquilo que nem sequer pode ser enxergado. A entrelinha de um texto, a pausa de uma música, o silêncio de um diálogo; as entrelinhas da vida são as mais prazerosas de serem lidas, pois fazem do leitor um ser superior. Dão a ele o alumbramento de Bandeira e a catarse aristotélica, dão um sentido pra viver. Nada era real para Virgínia Woolf se ela não escrevesse, da mesma forma, tudo é aparência para a pessoa que se mostra insensível em ler o mundo ao seu redor. Segundo ISER, “a necessidade de se interpretar o mundo deriva da estrutura de uma experiência interpessoal.” (1979, p.93). Temos aí uma palavra que pode abranger toda a significância da leitura: interpretação. É ela quem permite ao homem a compreensão de algo existente e é só por ela que o processo da leitura se realiza em sua plenitude. É o que faz o homem valer-se de seu universo para compreender a si mesmo.

## **2 A LEITURA E A ESCRITA NO BRASIL**

Infelizmente, o belo painel traçado até aqui não é compartilhado por grande parte do povo brasileiro. A crise de leitura e de leitores no Brasil, que teve seu ápice a partir da segunda metade da década de 70 (quando ela pôde ser divulgada mais abertamente), e que persiste até hoje, é estatisticamente comprovada pelo aumento real de analfabetos adultos e crianças em todas as regiões brasileiras. Sobre essa realidade, temos:

Considerando o número de analfabetos funcionais existentes no Brasil e de leitores que, devido à perda de seu poder aquisitivo, fraquejam na aquisição de livros, pode-se dizer que a fisionomia do público leitor brasileiro, seja quantitativa ou qualitativamente, pouco vem se modificando, quando não piora. (SILVA, 1991, p.72)

Essa realidade revela-se crescente e, por mais grave que seja não percebemos maiores preocupações nesse sentido por parte da liderança do país. Quando analisamos a questão da quantidade de leitura que o brasileiro tem, encontramos índices vergonhosamente baixos. Na conjuntura social em que vivemos, existe uma significativa diminuição, verdadeira carência, de situações em que as crianças entrem em contato com exemplos de leitura ou tenham acesso a materiais escritos. No lar da grande maioria das crianças brasileiras, a televisão reina absoluta, muitas vezes dificultando possíveis aproximações com os livros. O mesmo autor (p.77) observa que “confinadas em suas casas, à luz da insegurança das ruas e praças públicas, as crianças se vêem como presas fáceis das atrações televisivas”. E este é um fato que parece não retroceder tão cedo, configurando um futuro para o leitor brasileiro quase inexistente, já que mesmo a TV, ocasionalmente passível de leitura, é oferecida aos pequenos como uma babá que tem por objetivo deseducá-los num ocioso entretenimento.

Se por outro lado, entrarmos no aspecto qualitativo do leitor brasileiro o problema só tende a agravar-se. Sabemos que os populares autores de ficção científica adoram retratar um futuro

tenebroso, muito verossímil se levado em conta o presente da humanidade, onde geralmente se instalam o domínio da máquina e a inexistência de sentimento, razão ou controle no homem. Alguns deles até já propuseram um futuro sem livros e se levarmos em consideração a qualidade de leitura do brasileiro talvez esse futuro nem seja tão negativo.

Segundo uma pesquisa (MELO, 2006, p.35), apenas 30% da literatura consumida no país é de origem nacional. Não queremos com isso fazer alguma crítica à literatura estrangeira, mas preocupar-nos com a qualidade do já baixo percentual de literatura nacional existente. Um povo que mantêm autores como Paulo Coelho no topo dos mais vendidos, que elege Bruna Surfistinha como um fenômeno literário, que entrega a seus filhos livros escritos por rappers e funqueiros, e comete tantos outros equívocos literários, comprova que lê muito, muito mal. Esse verdadeiro desespero editorial demonstra que, hoje, tudo é publicável e não enxerga as danosas conseqüências que isso trará para a história da literatura brasileira, sempre tão elogiada pela crítica mundial.

Outro mal que tem se revelado uma ameaça até para o público de bons leitores é a realidade dos meios virtuais de comunicação, especificamente da Internet. Se editorialmente tudo já é publicável, o que dizer da rede? Até mesmo os tradicionais centros de cultura e saber, as Universidades, têm se rendido à perigosa praticidade da Internet. Não é pequena a parcela de alunos, futuro corpo docente das mesmas, que se baseia cega e exclusivamente nessa fonte virtual para elaboração de suas pesquisas acadêmicas. Com fonte tão escusa é pertinente questionar até a qualidade da atual produção científica brasileira. Isso precisa ser repensado por todos.

Entre os problemas apresentados, a escrita do português brasileiro não fica de fora. Sua deficiência é tão estridente que parece estar formando-se uma nova língua, ou até diversas ramificações de dialetos específicos para faixas etárias, classes sociais ou outras características definidoras de grupos. Tudo isso também deriva, em parte, da Internet e suas inovações. Um jovem ou mesmo uma criança brasileira que usa a Internet para comunicar-se com seus amigos distancia-se cada vez mais da grafia correta do português, e

se analisarmos os grupos formados por afinidades comuns em redes de relacionamento como o Orkut, perceberemos que cada grupo escreve de uma forma particular, por vezes só compreensível para seus participantes. Lembremos do aviso de Houaiss:

Variações lingüísticas, abreviações, estrangeirismos, e inúmeras outras são as ameaças para que o português permaneça português no Brasil. Mas não é somente porque a prática viva – falada ou escrita – do português esteja sendo tão verberada pelos seus próprios usuários que ela está em crise. Semelhantes tipos de insatisfação se manifestam em todas as fônias do mundo moderno; o inglês, o chinês, o árabe, o espanhol, o russo, o francês e a língua litúrgica dos islâmicos têm sofrido uma notável modernização, pois milhões de pessoas no mundo as utilizam. (1992, p.51)

Não há como esperar que no Brasil seja diferente! Aliás, as palavras de Houaiss mostram que não estamos sozinhos nesse problema, e sugerem que isso talvez nem seja concretamente um 'problema'. Essas adaptações, vistas pelos mais tradicionais como criminosas, é certo que são má influência para os futuros usuários da língua (as crianças), mas não deixam de refletir a rica diversidade cultural que o Brasil possui. Assim, o que pretendemos até aqui não foi apenas ilustrar um caos literário, mas apontar questionamentos que a leitura no Brasil precisa repensar. Para isso, nada melhor do que partirmos finalmente para esse público leitor futuro e observarmos realmente qual o papel a ser cumprido pelo ensino brasileiro.

### **3 TRILHANDO UM CAMINHO**

Imagine agora uma pessoa "X" dentro de um carro, numa noite escura, precisando chegar a um lugar que ainda não conhece e ao qual não pode deixar de comparecer. Para alcançar seu objetivo, o motorista "X" precisa de quatro coisas indispensáveis: combustível,

uma estrada, iluminação e sinalização adequadas. Memorize esta imagem, mais tarde retornaremos a ela.

Já se tornou dispensável reafirmar a importância da biblioteca para o ambiente escolar. Se compreendermos o cérebro humano como o responsável pela organização das informações adquiridas, não é difícil enxergar a biblioteca como o cérebro da escola, a força motora de qualquer instituição. Concorda com a imagem levantada a afirmação de que “uma escola sem biblioteca é uma instituição incompleta, e uma biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se um instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto”. (AMATO & GARCIA, 1989, p.22) Por isso vamos trabalhar com a idéia de uma escola que já contenha uma biblioteca, suprindo e preenchendo o vácuo que existiu outrora. O importante agora é encontrar as deficiências que ainda não abandonaram as bibliotecas já atuantes, afinal, instalar uma biblioteca não tem sido o maior desafio. As dificuldades que inundam a realidade das bibliotecas escolares provêm justamente de sua base, esse alicerce. Ainda não ficou claro? Então responda para si próprio. Quem dirige a biblioteca escolar? Quem seleciona seu acervo? Quem traça suas atividades? Quem divulga seus serviços? Ao responder essas perguntas com toda certeza você respondeu “Quem constrói a base, o alicerce da biblioteca escolar?”, e muito provavelmente a resposta foi: o bibliotecário. Aí está o erro que origina TODOS os problemas de uma biblioteca escolar. Tenha em mente a imagem sugerida no início que você vai entender onde estamos querendo chegar.

As responsabilidades de uma biblioteca são sempre atribuídas ao bibliotecário. Toda a gerência e diversidade de serviços oferecidos caem em suas mãos, o que é muito lógico para determinados tipos de bibliotecas e muito impróprio para uma biblioteca escolar. Pois se ela é um elemento inserido num contexto específico, o da educação, torna-se natural que seja conduzida por todos os responsáveis e criadores do contexto citado. Ou seja, além do óbvio bibliotecário, a direção e o corpo docente da escola devem sim, estar à frente da biblioteca, ou pelo menos, prestar uma atenção especial, buscando auxiliar com particularidades que somente suas posições podem oferecer.

Dessa forma, o motorista "X" imaginado inicialmente representaria o aluno da escola, incapaz de sozinho, alcançar seu objetivo, ou seja, chegar ao lugar desejado, ser 'alguém' na vida. A estrada seria a direção da escola, que com seu poder mantém o pavimento em boas condições e 'tapa os buracos' que eventualmente aparecem; é ela quem sustenta a escola e a existência da biblioteca, é dela que surgem as principais regras e a autorização para qualquer coisa. A iluminação que permite ao motorista percorrer por sobre a estrada sem que dela se desvie pode ser representada pelo professor, pois é ele quem direciona o aluno em todo o aprendizado, no ritmo e na velocidade adequados. E a sinalização da estrada, seja feita por placas, semáforos ou outros artifícios pode encontrar reflexo no tão requisitado bibliotecário, personagem que, no ambiente escolar, é responsável pelo 'descortinar do conhecimento' aos olhos do aluno.

Perceba que, na metáfora sugerida, o papel do bibliotecário é dos mais interessantes, pois é ele que, como as placas de trânsito, direciona o aluno / motorista sem impor sua vontade. Assim como uma placa não tem o poder de obrigar o motorista a não virar a direita, a não estacionar ou a não aumentar a velocidade, o bibliotecário não pode impor a leitura ao aluno. Ele vai, como um semáforo, indicar as leituras convenientes, destacando aquelas que devem ser evitadas e atraindo para aquelas que não podem ser ignoradas. Só assim o trânsito não irá congestionar e a bagagem cultural / informacional do aluno, tanto quanto suas capacidades de apreensão e comunicação vão se aperfeiçoar.

Já com relação ao professor, ou seja, a iluminação, o motorista não pode dispensá-la. Ora, existindo como peça fundamental para a educação, o professor não pode em nenhum instante ser dispensado das atividades de uma biblioteca escolar. É ele quem vai identificar as principais deficiências do acervo, ajudar o bibliotecário no momento da seleção para uma aquisição atualizada, dirigir o foco da pesquisa efetuada pelos alunos e utilizar a própria biblioteca para seu planejamento pedagógico e preparação das aulas. Sobre a importância da coletividade e do envolvimento do corpo docente temos: “Todos os professores devem trabalhar coletivamente, em integração, planejar os espaços e dosar os

momentos para as práticas de leitura dos estudantes. Sozinho, o responsável pela biblioteca não pode fazer milagres.” (SILVA, 1989, p.26)

Com relação à direção da escola (estrada), é tão indispensável quanto o professor. Uma biblioteca escolar é para a escola e vive na escola, e sendo da escola, deve compartilhar com ela os ideais e as atividades desenvolvidas. Acompanhar o calendário de eventos, festividades e provas é obrigação do bibliotecário escolar, constituindo-se como primordial instrumento para seu trabalho e diálogo. Dialogar com a direção, dialogar com o professor e até mesmo com os alunos e seus pais é o que lhe vai permitir oferecer um serviço de alta qualidade, ativo, em constante renovação e suficiente para suprir as necessidades as quais se propôs a atender.

Muito bem, você deve estar se perguntando onde foi parar o combustível do motorista, certo? OK, ele nada mais representa do que o próprio aluno e sua específica condição de estar preparado para enfrentar a estrada à frente. Queremos dizer que o combustível é inerente ao aluno e que só pode ser reabastecido pela sua vontade, afinal, "de nada adianta uma excelente biblioteca e uma excelente escola se o aluno não tiver o interesse em usufruí-las." (KUHLTHAU, 2002, p.18) Assim como o carro depende de uma chave para funcionar, o aluno precisa estar ciente (aí também se acrescenta o papel da família) de que é preciso ânimo para enfrentar o que virá. A partir do momento em que a criança assume a postura de estudante, cabe ao bibliotecário, ao professor e a própria escola, com sua direção, guiá-lo para que avance pela estrada da vida da maneira mais rápida e segura, otimizando no indivíduo a capacidade e o desejo de aprendizagem que permanecerão mesmo após os anos escolares, pois a educação prosseguirá e se aperfeiçoará por toda a vida. Concluimos com Abreu (2002, p.26) que “só assim a pesquisa escolar terá sentido e a escola estará formando um aluno com perfil de pesquisador criativo e autônomo na busca do conhecimento.”

## 4 CONCLUSÃO

Aprender a amar e praticar a leitura com a biblioteca escolar, além de adquirir noções de espaço coletivo, possibilita à criança, tornar-se um cidadão melhor. Enquanto o trabalho pedagógico dos professores e das escolas não desenvolver na criança uma atitude ativa e positiva para com os livros, poucas são as esperanças para o quadro analisado quando da leitura no Brasil. Essa conscientização também deve encontrar respaldo nos hábitos familiares de lazer e educação, incluindo uma mudança na postura das escolas, assim como um apoio estatal (muito tímido até o momento). Entrando num clichê pertinente, somente unidos transformaremos essa situação; o certo é que a criação de novos leitores é urgente até mesmo para a sobrevivência da nação.

## AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de registrar aqui um agradecimento especial à professora e doutora Gilda Maria Whitaker Verry; foi graças às suas entrelinhas que eu aprendi um pouco mais sobre a leitura da vida. Jamais esquecerei nossos Seminários de Leitura. Deus abençoe.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, V. L. F. G. Pesquisa escolar. In: CAMPELLO, B. S. (org.) **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 25-28
- AMATO & GARCIA. A biblioteca na escola In: BIBLIOTECA escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. Cap. 1, p. 9-23
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1973.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- HATOUM, M. O leitor, cúmplice secreto. **EntreLivros**. São Paulo, v.1, n.8, p.26-27, dez. 2005.
- \_\_\_\_\_. Em busca da inspiração perdida. **EntreLivros**. São Paulo, v.1, n.2, p.26-27, jul. 2005.
- HOUAISS, A. **O português no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (org.) **A leitura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.83-132

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002  
MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.  
MELO, A. C. Sobre leitura. **Continente multicultural.** Recife, v.6, n.64, p.34-35, abr. 2006  
SILVA, E. T. **De olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991  
SILVA, P. Biblioteca escolar. In: BIBLIOTECA escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. Cap.2, p.25-33  
SIMÃO, M. A.; SCHERCHER, E. K.; NEVES, I. A. **Ativando a biblioteca escolar.** Porto Alegre: Luzzatto, 1993.

---

*THE LIFE'S ROAD: THE READING AND SCHOOL LIBRARY IN EDUCATION*

*Abstract: It analyzes the importance of the reading for the humanity as a practical social, inquiring concepts that define the same one and pointing the situation of the reading and the writing in Brazil. It understands the organization of a pertaining to school library as a way of dissemination of the reading between the students. It detaches the importance of all the involved ones with the pertaining to school institution for the good functioning of its library. The librarian, the direction of the school, the professors and the proper pupils are agents who must work in set, therefore in this way a conscience citizen will be formed in the life of these pupils.*

*Keywords: Reading. School Library. Education. Education and Learning.*

---

**FERNANDO DE MENDONÇA**

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Mestrando em Teoria da Literatura pela UFPE - Bolsista CAPES  
E-mail: [nandodijesus@gmail.com](mailto:nandodijesus@gmail.com)

Artigo: Recebido em: 30/05/2008 Aceito em: 31/08/2008
---